

**GEORGE
ORWELL**

**FASCISMO
E
DEMOCRACIA**

Montecristo
Editori

GEORGE ORWELL

FASCISMO E
DEMOCRACIA

"O PRÓPRIO CONCEITO
DE VERDADE OBJETIVA
ESTÁ DESAPARECENDO DO

MUNDO... ESTA PERSPECTIVA
ME ASSUSTA MUITO MAIS
DO QUE AS BOMBAS"

Tradução e notas de
ALEXANDRE PIRES VIEIRA



Montecristo
Editora

©2021 Copyright Montecristo Editora - versão 20.12.2021

GEORGE ORWELL
FASCISMO E
DEMOCRACIA

Título Original

Fascism and Democracy

Supervisão de Editoração/Capa

Montecristo Editora

Tradução

Alexandre Pires Vieira

Revisão

Renata Russo Blazek

Imagem da Capa

Montagem sobre Mural: "Guernica" de Picasso

ISBN:

978-1-61965-226-2 – Edição Digital

978-1-61965-241-5 – Edição Impressa

Montecristo Editora Ltda.

e-mail: editora@montecristoeditora.com.br



Montecristo
Editora

SUMÁRIO

GEORGE ORWELL
FASCISMO E DEMOCRACIA

[Louvor](#)

[Sobre o Autor](#)

[Fascismo e Democracia](#)

[Literatura e totalitarismo](#)

[Liberdade do parque](#)

[Resenha da Invasão de Marte](#)

[Visões de um futuro totalitário](#)

[O que é Fascismo?](#)

[Resenha de Mein Kampf, de Adolf Hitler](#)

[Profecias do fascismo](#)

Louvor

“O maior escritor britânico desde 1945”, **The Times**

“A coragem e integridade de Orwell brilham em cada página”, **Daily Telegraph**

“Qualquer pessoa que queira entender o século XX terá sempre que ler Orwell”, **New York Review of Books**

“Um escritor que ainda é brilhantemente contemporâneo... Orwell disse a verdade”, **Christopher Hitchens**

“Um escritor que pode – e deve – ser redescoberto em cada época”, **Irish Times**

“O olhar incansável de Orwell foi muitas vezes devastadoramente perceptivo... um homem que olhou para seu mundo com admiração e escreveu exatamente o que viu, em prosa admirável”, **John Mortimer**

“O estilo de prosa inglesa mais claro e atraente deste século”, **John Carey, Sunday Times**

“Meu herói”, **Margaret Atwood**



Sobre o Autor

Eric Arthur Blair (1903-1950), mais conhecido por seu pseudônimo, **George Orwell**, nasceu na Índia, onde seu pai trabalhava para a Administração Pública. Autor, jornalista e ensaísta político, Orwell foi uma das figuras mais proeminentes e influentes da literatura do século vinte. Sua obra é marcada por uma inteligência perspicaz e bem-humorada, uma consciência profunda das injustiças sociais, uma intensa oposição ao totalitarismo e uma paixão pela clareza da escrita.

Sua singular alegoria política “A revolução dos

bichos”, juntamente com a distopia “1984”, lhe rendeu fama mundial. A influência de Orwell na cultura contemporânea, tanto popular quanto política, perdura até hoje. Vários neologismos criados por ele, assim como o termo *orwelliano* — palavra usada para definir qualquer prática social autoritária ou totalitária — já fazem parte da cultura mundial.

George Orwell se propôs a “fazer da escrita política uma arte”, e em grande medida este objetivo moldou o futuro da literatura inglesa — suas descrições de regimes autoritários ajudaram a formar um novo vocabulário que é fundamental para a compreensão do totalitarismo.

Fascismo e Democracia

FEVEREIRO DE 1941

Um dos passatempos mais fáceis do mundo é desconstruir a Democracia. Neste país praticamente ninguém é obrigado a se preocupar mais com os argumentos meramente reacionários contra a regra popular contudo, durante os últimos vinte anos, a democracia “burguesa” tem sido muito mais sutilmente atacada tanto por fascistas quanto por comunistas, e é altamente significativo que estes aparentes

inimigos a tenham atacado com os mesmos fundamentos. É verdade que os fascistas, com seus métodos mais ousados de propaganda, também usam, quando lhes convém, o argumento aristocrático de que a Democracia “coloca os piores homens no topo”, mas o argumento básico de todos os apologistas do totalitarismo, é que a Democracia é uma fraude. Ela não passaria de um disfarce para o governo de pequenos punhados de homens ricos. Isto não é totalmente falso, e muito menos é obviamente falso; pelo contrário, há mais para se concordar do que contrariar. Um estudante de dezesseis anos pode atacar a Democracia muito melhor do que ele é capaz de defendê-la. E não se pode rebatê-

lo a menos que se conheça o “argumento antidemocrático” e se esteja disposto a admitir a grande medida de verdade que este argumento contém.

Para começar, sempre se critica a democracia “burguesa”, dizendo-se que ela é enfraquecida pela desigualdade econômica. Qual é a utilidade da assim chamada liberdade política para um homem que trabalha 12 horas por dia por três libras por semana?¹ Uma vez a cada cinco anos ele pode ter a chance de votar em seu partido favorito, mas pelo resto do tempo, praticamente todos os detalhes de sua vida são ditados por seu empregador. E na prática, sua vida política também é ditada por ele. A classe monárquica pode manter todos os trabalhos

ministeriais e oficiais importantes em suas próprias mãos e pode trabalhar o sistema eleitoral a seu favor subornando o eleitorado, direta ou indiretamente. Mesmo quando, por algum infortúnio, um governo representando as classes mais pobres chega ao poder, os ricos geralmente podem chantageá-lo, ameaçando com a exportação de capital. O mais importante de tudo é que quase toda a vida cultural e intelectual da comunidade – jornais, livros, educação, filmes, rádio – é controlada por homens com dinheiro que têm o mais forte motivo para impedir a disseminação de certas ideias. O cidadão de um país democrático é “condicionado” desde o nascimento, de forma menos rígida, mas muito mais eficaz do que

seria em um estado totalitário.

E não há certeza de que a dominação por uma classe privilegiada possa jamais ser quebrada por meios puramente democráticos. Em teoria, um governo trabalhista poderia assumir o poder com uma clara maioria e proceder imediatamente para estabelecer o socialismo por meio de um ato do Parlamento. Na prática, as classes abastadas rebelariam e provavelmente com sucesso, porque teriam a maioria dos oficiais efetivos e os homens-chave das forças armadas do seu lado. Os métodos democráticos só são possíveis quando existe uma base bastante ampla de acordo entre todos os partidos políticos. Não há nenhuma razão forte para pensar que alguma

mudança realmente fundamental possa ser alcançada pacificamente.

Mais uma vez, argumenta-se frequentemente que toda a fachada da democracia – liberdade de expressão e de reunião, sindicatos independentes e assim por diante – deve ruir assim que as classes economicamente mais favorecidas não estejam mais em condições de fazer concessões a seus funcionários. A “liberdade” política, diz-se, é simplesmente um suborno, um substituto sem sangue para a Gestapo. É fato que os países que chamamos de democráticos são geralmente países prósperos – na maioria dos casos estão explorando mão-de-obra estrangeira barata, direta ou indiretamente – e também, que a

democracia como a conhecemos nunca existiu, exceto em países marítimos ou montanhosos, ou seja, países que podem se defender sem a necessidade de um enorme exército permanente. A democracia acompanha, ou provavelmente exige, condições favoráveis de vida; ela nunca floresceu em estados pobres e militarizados. Tire a posição abrigada da Inglaterra, assim se diz, e a Inglaterra voltará imediatamente a métodos políticos tão bárbaros como os da Romênia. Além disso, todo governo, democrático ou totalitário, repousa, em última instância, na força. Nenhum governo, a menos que pretenda ser conivente com sua própria derrubada, pode demonstrar ou demonstra o menor

respeito pelos “direitos” democráticos quando é seriamente ameaçado. Um país democrático que luta uma guerra desesperada é forçado, tanto quanto uma autocracia ou um Estado fascista, a recrutar soldados, coagir o trabalho, prender derrotistas, reprimir jornais sediciosos; em outras palavras, ele só pode se salvar da destruição deixando de ser democrático. As coisas pelas quais deveria estar lutando são sempre descartadas assim que a luta começa.

Esse, resumidamente, é o argumento contra a Democracia “burguesa”, utilizado tanto por fascistas quanto por comunistas, embora com diferenças de ênfase. Em cada ponto é preciso admitir que ele contém muita verdade. E no

entanto, por que ele, em última análise, é falso? – quase todas as pessoas criadas em um país democrático sabem quase instintivamente que há algo errado com toda esta linha de argumentação.

O erro deste conhecido rebaixamento da Democracia é que ele não pode explicar todos os fatos. As diferenças reais na atmosfera social e no comportamento político entre os países são muito maiores do que pode ser explicado por qualquer teoria que anula leis, costumes, tradições, etc., como mera “superestrutura”. No papel, é muito simples demonstrar que a Democracia é “apenas o mesmo que” (ou “apenas tão ruim quanto”) totalitarismo. Há campos de concentração na

Alemanha; mas existem também campos de concentração na Índia. Os judeus são perseguidos onde quer que o fascismo reine; mas e quanto às leis de segregação na África do Sul?² A honestidade intelectual é um crime em qualquer país totalitário; mas mesmo na Inglaterra não é exatamente lucrativo falar e escrever a verdade. Estes paralelos podem ser estendidos indefinidamente. Mas o argumento implícito em toda a linha é que uma diferença de grau não é uma diferença. É bem verdade, por exemplo, que existe perseguição política em países democráticos. A questão é saber quanto. Quantos refugiados fugiram da Grã-Bretanha, ou de todo o Império Britânico, durante os últimos sete anos? E quantos da

Alemanha? Quantas pessoas conhecidas pessoalmente foram espancadas com bastões de borracha ou forçadas a engolir canecas de óleo de rícino? Quão perigoso você acha que é entrar no bar mais próximo e expressar sua opinião de que esta é uma guerra capitalista e que devemos parar de lutar? Você pode apontar alguma coisa na história recente britânica ou americana que se compare com o Expurgo de Junho,³ os julgamentos trotskistas russos, o pogrom⁴ que se seguiu ao assassinato de vom Rath?⁵ Um artigo equivalente ao que estou escrevendo poderia ser impresso em qualquer país totalitário, vermelho, marrom ou preto?⁶ O *Daily Worker*⁷ acabou de ser eliminado, mas somente após dez anos de vida, enquanto em

Roma, Moscou ou Berlim ele não poderia ter sobrevivido dez dias. E durante os últimos seis meses de sua vida, a Grã-Bretanha não estava apenas em guerra, mas em uma situação mais desesperada do que em qualquer outro momento desde Trafalgar.⁸ Além disso – e este é o ponto essencial – mesmo após a supressão do *Daily Worker*, seus editores têm permissão para fazer demonstrações públicas, emitir declarações em sua própria defesa, fazer perguntas no Parlamento e conseguir o apoio de pessoas bem-intencionadas de vários matizes políticos. A “liquidação” rápida e final, que seria uma questão natural em uma dúzia de outros países, não apenas não acontece, mas a possibilidade de que isso possa acontecer mal

entra na mente de alguém.

Não é particularmente significativo que os fascistas e comunistas britânicos tenham opiniões pró-Hitler; o que é significativo é que eles ousam expressá-las. Ao fazer isso, eles estão silenciosamente admitindo que as liberdades democráticas não são totalmente uma farsa. Durante os anos 1929-34 todos os comunistas ortodoxos estavam comprometidos com a crença de que o “social-fascismo” (ou seja, o socialismo) era o verdadeiro inimigo dos trabalhadores e que a democracia capitalista não era, de forma alguma, preferível ao fascismo. No entanto, quando Hitler chegou ao poder, dezenas de milhares de comunistas alemães – ainda

proferindo a mesma doutrina, que não foi abandonada até algum tempo depois – fugiram para a França, Suíça, Inglaterra, EUA ou qualquer outro país democrático que os admitisse. Com suas ações, eles haviam desmentido suas palavras; eles haviam “votado com os pés”, como disse Lenin. E aí vem o melhor trunfo que a democracia capitalista tem a mostrar. É o sentimento comparativo de segurança desfrutado pelos cidadãos dos países democráticos, o conhecimento de que quando você fala de política com seu amigo não há nenhum ouvido da Gestapo colado ao buraco da fechadura, a crença de que “eles” não podem puni-lo a menos que você tenha violado a lei, a crença de

que a lei está acima do Estado. Não importa que esta crença seja em parte uma ilusão – já que é, evidentemente. Pois uma ilusão generalizada, capaz de influenciar o comportamento público, é em si um fato importante. Imaginemos que o atual ou algum futuro governo britânico decidisse acompanhar a supressão do *Daily Worker* eliminando completamente o Partido Comunista, como foi feito na Itália e na Alemanha. Muito provavelmente, eles achariam a tarefa impossível. Pois uma perseguição política desse tipo só pode ser levada a cabo por uma Gestapo completa, que não existe na Inglaterra e não poderia ser criada no momento. A atmosfera social é muito contrária a ela, o

peçoal necessário não estaria disponível. Os pacifistas que nos asseguram que, se lutarmos contra o fascismo nós mesmos “passaremos a ser fascistas“, esquecem que todo sistema político tem que ser operado por seres humanos, e os seres humanos são influenciados por seu passado. A Inglaterra pode sofrer muitas mudanças degenerativas como resultado da guerra, mas ela não pode, exceto possivelmente pela conquista, ser transformada em uma réplica da Alemanha nazista. Ela pode evoluir para algum tipo de austro-fascismo, mas não para o fascismo do tipo ativo, revolucionário e maligno. O material humano necessário não está presente. Devemos isso a três séculos de segurança e ao

fato de não termos sido derrotados na última guerra.⁹

Mas não estou sugerindo que a “liberdade” mencionada nos artigos principais do Daily Worker seja a única coisa pela qual vale a pena lutar. A democracia capitalista não é suficiente em si mesma, e mais, ela não pode ser recuperada a menos que se transforme em outra coisa. Nossos estadistas conservadores, com suas mentes moribundas, provavelmente esperam e acreditam que o resultado de uma vitória britânica será simplesmente um retorno ao passado: outro Tratado de Versalhes e depois a retomada da vida econômica “normal”, com milhões de desempregados, a caça aos veados nos pântanos escoceses, o jogo

de Eton e Harrow em 11 de julho,¹⁰ etc., etc. Os teóricos antiguerra da extrema esquerda temem ou professam temer a mesma coisa. Mas essa é uma concepção estática, que falha mesmo nesta data, em compreender o poder da criatura contra a qual estamos lutando. O nazismo pode ou não ser um disfarce para o capitalismo monopolista, mas de qualquer forma não é capitalista no sentido do século XIX. Ele é governado pela espada e não pelo talão de cheques. É uma economia centralizada, racionalizada para a guerra e capaz de utilizar ao máximo a mão-de-obra e as matérias primas que comanda. Um estado capitalista antiquado, com todas as suas forças puxando em diferentes direções, com

armamentos retidos em nome do lucro, idiotas incompetentes ocupando altas posições por direito de nascimento e atritos constantes entre as classes, obviamente não pode competir com esse tipo de coisa. Se a campanha da Frente Popular tivesse sido bem sucedida e a Inglaterra tivesse se unido à França e à URSS há dois ou três anos para uma guerra preventiva – ou ameaça de guerra – contra a Alemanha, o capitalismo britânico talvez tivesse recebido um novo sopro de vida. Mas isso não aconteceu e Hitler teve tempo para se armar ao máximo e conseguiu afastar seus inimigos. Por pelo menos mais um ano, a Inglaterra deve lutar sozinha e contra probabilidades muito pesadas. Nossas

vantagens são, em primeiro lugar, a força naval e, em segundo lugar, o fato de que nossos recursos são, a longo prazo, muito maiores – se pudermos utilizá-los. Mas só podemos utilizá-los se transformarmos nosso sistema social e econômico por completo. A produtividade do trabalho, a moral de nossa frente de batalha, a atitude em relação aos povos de cor e das populações europeias conquistadas, tudo depende, em última análise, da possibilidade de provarmos ser falsa a acusação de Goebbels de que a Inglaterra é meramente uma plutocracia egoísta que luta pelo status quo. Pois se continuarmos sendo essa plutocracia – e as imagens de Goebbels não são totalmente falsas – seremos conquistados. Se eu tivesse

que escolher entre a Inglaterra de Chamberlain e o tipo de regime que Hitler quer nos impor, escolheria a Inglaterra de Chamberlain sem hesitar um momento. Mas essa alternativa não existe de fato. Dito de maneira grosseira, a escolha é entre o socialismo e a derrota. Devemos ir adiante, ou perecer.

No verão passado, quando a situação da Inglaterra estava mais obviamente desesperadora do que agora, houve uma tomada de consciência generalizada deste fato. Se o humor dos meses de verão desapareceu, é em parte porque as coisas se revelaram menos desastrosas do que a maioria das pessoas então esperavam, mas em parte também porque não existia nenhum partido político, jornal ou

indivíduo notável para dar voz e direção ao descontentamento geral. Não havia ninguém capaz de explicar – de forma a conseguir público que o ouvisse – porque estávamos na confusão que estávamos e qual era o caminho para sair dela. O homem que mobilizou a nação foi Churchill, um homem dotado e corajoso, mas um patriota do tipo limitado e tradicional. Na verdade, Churchill disse simplesmente: “Estamos lutando pela Inglaterra”, e o povo se reuniu para segui-lo. Alguém poderia tê-los sensibilizado ao dizer: ‘Estamos lutando pelo socialismo’? Eles sabiam que tinham sido decepcionados, sabiam que o sistema social existente estava todo errado e que queriam algo diferente – mas era o socialismo que eles

queriam? O que seria o socialismo, afinal? Até hoje a palavra tem apenas um significado vago para a grande massa da população inglesa; certamente não tem nenhum apelo emocional. Os homens não morrerão por isso como eles morrerão pelo Rei e pelo País. Por mais que se admire Churchill – e eu pessoalmente sempre o admirei como homem e como escritor, apesar de sua política não me agradar – e por mais grato que se sinta pelo que ele fez no verão passado, não é um comentário assustador a respeito do movimento socialista inglês que nesta data, no momento do desastre, o povo ainda olhe para um Conservador para liderá-lo?

O que a Inglaterra nunca teve é um

partido socialista que tivesse significado para as pessoas e levasse em conta as realidades contemporâneas. Quaisquer que sejam os programas que o Partido Trabalhista possa emitir, tem sido difícil ao longo de dez anos acreditar que seus líderes esperavam ou até mesmo desejavam ver qualquer mudança fundamental em sua própria vida. Conseqüentemente, um sentimento tão revolucionário como o que existia no movimento de esquerda se infiltrou em vários becos sem saída, dos quais o comunista foi o mais importante. O comunismo foi, desde o início, uma causa perdida na Europa ocidental e os partidos comunistas dos vários países rapidamente se transformaram em meros

agentes publicitários do regime russo. Nesta situação, eles foram forçados não apenas a mudar suas opiniões mais fundamentais a cada mudança da política russa, mas a insultar cada instinto e cada tradição do povo que eles tentavam liderar. Depois de uma guerra civil, duas fomes e de uma purga, a pátria adotada se instalou no regime oligárquico, na censura rígida das ideias e na adoração servil de um Führer. Em vez de apontar que a Rússia era um país atrasado com o qual poderíamos aprender, mas que não se podia esperar que imitasse, os comunistas foram obrigados a fingir que as purgas, “limpezas”, etc. eram sintomas salutares que qualquer pessoa de bom senso gostaria de ver transferidos para a Inglaterra.

Naturalmente, as pessoas que podiam ser atraídas por tal credo e permanecer fiéis a ele depois de terem compreendido sua natureza, tendiam a ser neuróticos ou malignos, pessoas fascinadas pelo espetáculo de crueldade bem sucedida. Na Inglaterra eles não conseguiram obter nenhum seguimento estável de massa. Mas poderiam ser, e continuam sendo, um perigo, pela simples razão de que não há outro corpo de pessoas que se intitula revolucionário. Se você está descontente, se quer derrubar o sistema social existente pela força e se deseja aderir a um partido político prometido para este fim, então você deve aderir aos comunistas; efetivamente não há mais ninguém. Eles não alcançarão seus

próprios fins, mas podem alcançar os de Hitler. Não se imagina, por exemplo, que a chamada Convenção do Povo ganhe poder na Inglaterra, mas pode espalhar derrotismo o suficiente para ajudar muito Hitler em algum momento crítico. E entre a Convenção do Povo, por um lado, e o tipo de patriotismo do “meu país certo ou errado”, por outro, não existe atualmente nenhuma política convincente.

Quando o verdadeiro movimento socialista inglês aparecer – deve aparecer se não quisermos ser derrotados, e a base para ele já está lá nas conversas em um milhão de bares e abrigos antiaéreos – ele atravessará as divisões partidárias existentes. Será ao mesmo tempo revolucionário e democrático. Visará

as mudanças mais fundamentais e estará perfeitamente disposto a usar a violência, se necessário. Mas também reconhecerá que nem todas as culturas são iguais, que os sentimentos e tradições nacionais têm que ser respeitados para que as revoluções não falhem, que a Inglaterra não é a Rússia – ou a China, ou a Índia. Compreenderá que a democracia britânica não é uma farsa, não é simplesmente uma “superestrutura”, pelo contrário, é algo extremamente valioso que deve ser preservado e ampliado e, acima de tudo, não deve ser insultado. É por isso que gastei tanto espaço acima para responder aos argumentos já conhecidos contra a Democracia “burguesa”. A democracia burguesa não é suficiente,

mas é muito melhor do que o fascismo, e trabalhar contra ela é serrar o galho em que você está sentado. As pessoas comuns sabem disso, mesmo que os intelectuais não saibam. Eles se agarram muito firmemente à 'ilusão' da Democracia e à concepção ocidental de honestidade e decência comum. Não adianta apelar para eles em termos de 'realismo' e política de poder, pregando as doutrinas de Maquiavel no jargão de Lawrence e Wishart.¹¹ O máximo que se pode alcançar é a confusão do tipo que Hitler deseja. Qualquer movimento que possa reunir a massa do povo inglês deve ter como chave os valores democráticos que o marxista doutrinário escreve como 'ilusão' ou 'superestrutura'. Ou eles produzirão uma

versão de socialismo mais ou menos de acordo com seu passado, ou serão conquistados por estrangeiros, com resultados imprevisíveis, mas certamente horríveis. Quem tenta minar a fé na Democracia, para acabar com o código moral que deriva dos séculos protestantes e da Revolução Francesa, não está preparando o poder para si mesmo, embora possa estar preparando-o para Hitler – um processo que temos visto se repetindo tantas vezes na Europa, que equivocar-se sobre a sua natureza não é mais desculpável.

The Left News , em fevereiro de 1941



Literatura e totalitarismo

MAIO DE 1941

Nestas palestras semanais, tenho falado sobre criticismo, o que, quando tudo é dito e feito, não faz parte da corrente principal da literatura. Uma literatura vigorosa pode existir quase sem crítica e sem o espírito crítico, como acontecia na Inglaterra do século XIX. Mas há uma razão pela qual, neste momento particular, os problemas envolvidos em qualquer criticismo sério não podem ser ignorados. Eu disse no início da minha

primeira palestra, que esta não é uma era crítica. É uma era de partidarismo e não de desprendimento, uma era em que é especialmente difícil ver o mérito literário em um livro de cujas conclusões você discorda. A política – a política no sentido mais geral – invadiu a literatura a um ponto que normalmente não acontece, e isto trouxe à tona de nossa consciência a luta que sempre se trava entre o indivíduo e a comunidade. É quando se considera a dificuldade de escrever críticas honestas e imparciais em uma época como a nossa, que se começa a compreender a natureza da ameaça que paira sobre toda a literatura na próxima era.

Vivemos em uma época em que o indivíduo

autônomo deixa de existir – ou talvez se deva dizer, em que o indivíduo deixa de ter a ilusão de ser autônomo. Agora, em tudo o que dizemos sobre literatura, e sobretudo em tudo o que dizemos sobre criticismo, instintivamente tomamos o indivíduo autônomo como certo. Toda a literatura moderna europeia – estou falando da literatura dos últimos quatrocentos anos – é construída sobre o conceito de honestidade intelectual ou, se você gosta de colocar dessa forma, sobre a máxima de Shakespeare: “Para que o seu próprio eu seja verdadeiro”. A primeira coisa que pedimos a um escritor é que ele não diga mentiras, que ele diga o que realmente pensa, o que realmente sente.

A pior coisa que podemos dizer sobre uma obra de arte é que ela não é sincera. E isto é ainda mais verdadeiro nas críticas do que na literatura artística, na qual uma certa dose de postura e maneirismo e até mesmo uma certa quantidade de malabarismos, não importam, desde que o escritor tenha uma certa sinceridade fundamental. A literatura moderna é essencialmente uma coisa individual. Ou é a expressão verdadeira do que um homem pensa e sente, ou não é nada.

Como digo, tomamos esta noção como certa e, no entanto, assim que a colocamos em palavras, nos damos conta de como a literatura é ameaçada. Pois esta é a era do Estado totalitário, que não permite

e provavelmente não pode permitir ao indivíduo nenhuma liberdade, seja ela qual for. Quando se menciona o totalitarismo, pensa-se imediatamente na Alemanha, na Rússia, na Itália, mas eu acho que se deve enfrentar o risco de que este fenômeno venha a ser mundial. É óbvio que o período do capitalismo livre está chegando ao fim e que um país após o outro está adotando uma economia centralizada, que se pode chamar de Socialismo ou Capitalismo de Estado, de acordo com a preferência de cada um. Com isso, a liberdade econômica do indivíduo e, em grande parte, sua liberdade de fazer o que quiser, de escolher seu próprio trabalho, de ir e vir através da superfície da terra,

chega ao fim. Agora, até recentemente, as implicações disto não eram previstas. Nunca foi totalmente compreendido que o desaparecimento da liberdade econômica teria qualquer efeito sobre a liberdade intelectual. O socialismo era geralmente pensado como uma espécie de liberalismo moralizado. O Estado se encarregaria de sua vida econômica e o libertaria do medo da pobreza, do desemprego e assim por diante, mas não teria necessidade de interferir em sua vida intelectual privada. A arte poderia florescer como na era liberal-capitalista, só que um tanto mais, porque o artista não estaria mais sob pressões econômicas.

Agora, sobre as evidências existentes, é

preciso admitir que estas ideias foram falsificadas. O totalitarismo aboliu a liberdade de pensamento em uma medida inaudita em qualquer época anterior. E é importante perceber que seu **controle do pensamento não é apenas negativo, mas positivo. Ele não apenas proíbe você de expressar – até mesmo de pensar – certos pensamentos, mas dita o que você deve pensar, cria uma ideologia para você, tenta governar sua vida emocional, bem como estabelecer um código de conduta.** E, na medida do possível, isola-o do mundo exterior, fecha-o em um universo artificial no qual você não tem padrões de comparação. O Estado totalitário tenta, de qualquer forma, controlar os pensamentos e as emoções de seus

sujeitos, de modo pelo menos tão completo quanto controla suas ações.

A questão que é importante para nós é: será que a literatura pode sobreviver em tal atmosfera? Penso que se deve responder rapidamente que não pode. Se o totalitarismo se tornar mundial e permanente, o que temos conhecido como literatura deve chegar ao fim. E não servirá – como pode parecer plausível no início – dizer que o que chegará ao fim é apenas a literatura da Europa pós-renascentista. Creio que a literatura de todo tipo, desde o poema épico até o ensaio crítico, é ameaçada pela tentativa do estado moderno de controlar a vida emocional do indivíduo. As pessoas que negam isso geralmente apresentam dois

argumentos. Dizem, antes de tudo, que a chamada liberdade que existiu durante os últimos cem anos foi apenas um reflexo da anarquia econômica e, de qualquer forma, em grande parte uma ilusão. E eles também apontam que a boa literatura, melhor do que qualquer coisa que possamos produzir agora, foi produzida em épocas passadas, quando o pensamento não era mais livre do que é na Alemanha ou na Rússia neste momento. Agora, isto é verdade até agora. É verdade, por exemplo, que a literatura poderia existir na Europa medieval, quando o pensamento estava sob rígido controle – principalmente o controle da Igreja – e você estava sujeito a ser queimado vivo por ter proferido uma heresia

muito pequena. O controle dogmático da Igreja não impediu, por exemplo, que se escrevessem os Contos de Cantuária de Chaucer.¹² Também é verdade que a literatura medieval, e a arte medieval em geral, era menos uma coisa individual e mais uma coisa comunitária do que é agora. As baladas inglesas, por exemplo, provavelmente não podem ser atribuídas a nenhum indivíduo. Elas foram provavelmente compostas comunitariamente, como tenho visto baladas sendo compostas em países do leste muito recentemente. Evidentemente, a liberdade anárquica que tem caracterizado a Europa dos últimos cem anos, o tipo de atmosfera em que não há padrões fixos, não é necessária, talvez nem sequer seja

uma vantagem, para a literatura. Uma boa literatura pode ser criada dentro de uma estrutura fixa de pensamento.

Mas existem várias diferenças vitais entre o totalitarismo e todas as ortodoxias do passado, seja na Europa ou no Oriente. O mais importante é que as ortodoxias do passado não se alteraram, ou pelo menos não se alteraram rapidamente. Na Europa medieval, a Igreja ditou aquilo em que se deve acreditar, mas pelo menos permitiu manter as mesmas crenças desde o nascimento até a morte. Ela não lhe disse para acreditar numa coisa na segunda-feira e noutra na terça-feira. E o mesmo é mais ou menos verdadeiro para qualquer cristão ortodoxo, hinduísta, budista ou muçulmano

de hoje. Em certo sentido, seus pensamentos são circunscritos, mas ele passa toda sua vida dentro da mesma estrutura de pensamento. Suas emoções não são adulteradas. Agora, com o totalitarismo é exatamente o oposto. A peculiaridade do estado totalitário é que, embora ele controle o pensamento, ele não o corrige. Ele estabelece dogmas inquestionáveis e os altera de um dia para o outro. Ele precisa dos dogmas, porque precisa da obediência absoluta de seus súditos, mas não pode evitar as mudanças, que são ditadas pelas necessidades da política de poder. Declara-se infalível e, ao mesmo tempo, ataca o próprio conceito de verdade objetiva. Para tomar um exemplo rude e óbvio, todo alemão até

setembro de 1939 tinha que encarar o bolchevismo russo com horror e aversão, e desde setembro de 1939 ele tem que encará-lo com admiração e carinho.¹³ Se a Rússia e a Alemanha entrarem em guerra, como podem muito bem fazer dentro dos próximos anos, outra mudança igualmente violenta terá que ocorrer. Espera-se que a vida emocional do alemão, seus amores e ódios, quando necessário, se revertam da noite para o dia. Não preciso apontar o efeito deste tipo de coisa sobre a literatura. Pois escrever é em grande parte uma questão de sentimento, que nem sempre pode ser controlada de fora. É fácil fazer um discurso vazio para agradar a ortodoxia do momento, mas a escrita de

qualquer consequência só pode ser produzida quando um homem sente a verdade do que está dizendo; sem isso, falta o impulso criativo. Todas as evidências que temos sugerem que as mudanças emocionais repentinas que o totalitarismo exige de seus seguidores são psicologicamente impossíveis. E essa é a principal razão pela qual sugiro que, se o totalitarismo triunfar no mundo inteiro, a literatura, como a conhecemos, está no fim. E, de fato, o totalitarismo parece ter tido esse efeito até agora. Na Itália, a literatura tem sido aleijada e na Alemanha, parece ter quase cessado. A atividade mais característica dos nazistas é a queima de livros. E mesmo na Rússia, o renascimento literário que antes

esperávamos não aconteceu e os escritores russos mais promissores mostram uma marcada tendência a cometer suicídio ou desaparecer na prisão.

Eu disse anteriormente que o capitalismo liberal está obviamente chegando ao fim e, portanto, eu posso ter sugerido que a liberdade de pensamento também está inevitavelmente condenada. Mas não acredito que seja assim, e direi simplesmente, para concluir, que acredito que a esperança de sobrevivência da literatura está naqueles países nos quais o liberalismo atingiu suas raízes mais profundas, os países não militares, a Europa Ocidental e as Américas, a Índia e a China. Acredito – talvez não seja mais do que uma esperança piedosa –

que embora uma economia coletivizada esteja por vir, esses países saberão como desenvolver uma forma de socialismo que não seja totalitária, na qual a liberdade de pensamento possa sobreviver ao desaparecimento do individualismo econômico. Essa, de qualquer forma, é a única esperança à qual qualquer pessoa que se preocupa com a literatura pode se apegar. Quem sente o valor da literatura, quem vê o papel central que ela desempenha no desenvolvimento da história humana, deve também ver a necessidade de vida e morte de resistir ao totalitarismo, seja ele imposto a nós de fora ou de dentro.

Rádio BBC, em 21 de maio de 1941

Liberdade do parque

DEZEMBRO DE 1945

Há algumas semanas, cinco pessoas que estavam vendendo jornais fora do Hyde Park¹⁴ foram presas pela polícia por obstrução. Quando levados perante o magistrado, todos foram considerados culpados, sendo quatro deles presos por seis meses e o outro condenado a quarenta xelins de multa ou a um mês de prisão. Ele preferiu cumprir seu tempo de prisão, então suponho que ainda esteja na cadeia neste momento.

Os jornais que estas pessoas estavam

vendendo eram *Peace News*, *Forward* e *Freedom*, além de outras literaturas do gênero. *Peace News* é o órgão da União da Paz, Liberdade (até recentemente chamado de Comentário de Guerra) é o dos Anarquistas: como *Forward*, sua política desafia a definição, mas de qualquer forma é violentamente de esquerda. O magistrado, em sentença transitória, declarou que não foi influenciado pela natureza da literatura que estava sendo vendida: ele estava preocupado apenas com o fato da obstrução, e que esta ofensa tinha sido tecnicamente cometida.

Isto levanta vários pontos importantes. Para começar, qual é a posição da lei sobre o assunto? Até onde entendo, vender jornais

na rua é uma obstrução técnica, de qualquer forma, se você não sai da rua quando a polícia lhe manda. Portanto, seria legalmente possível, para qualquer policial que quisesse, prender qualquer jornaleiro por vender o Evening News . Obviamente isto não acontece, de modo que a aplicação da lei depende da discricção da polícia.

E o que leva a polícia a decidir prender um homem em vez de outro? Por mais que possa ter sido com o magistrado, acho difícil acreditar que neste caso a polícia não foi influenciada por considerações políticas. É um pouco coincidência demais que eles tenham escolhido pessoas vendendo apenas aqueles jornais. Se eles também tivessem prendido

alguém que estava vendendo o *Truth* , ou o *Tablet* , ou o *Spectator*, ou mesmo o *Church Times*, sua imparcialidade seria mais crível.

A polícia britânica não é como uma gendarmaria continental ou a Gestapo, mas eu não acho que alguém os defrauda ao dizer que eles têm sido hostis às atividades da ala esquerda. Eles têm geralmente mostrado uma tendência a ficar do lado daqueles que eles consideravam como os defensores da propriedade privada. Houve alguns casos escandalosos na época dos distúrbios de Mosley. Na única grande reunião Mosley¹⁵ em que participei, a polícia colaborou com os *Camisas-Negras*¹⁶ em “manter a ordem”, de uma forma que certamente não teria

colaborado com os socialistas ou comunistas. Até muito recentemente ‘vermelho’ e ‘ilegal’ eram quase sinônimos, e era sempre o vendedor de, digamos, o *Daily Worker*, nunca o vendedor de, digamos, o *Daily Telegraph*, que era retirado da rua e geralmente assediado. Aparentemente pode ser assim, a qualquer momento, sob um governo trabalhista.

Uma coisa que eu gostaria de saber – é uma coisa sobre a qual ouvimos muito pouco – é que mudanças são feitas no quadro administrativo quando há uma mudança de governo. O policial que tem uma vaga noção do significado de “socialismo” permanece o mesmo quando o próprio governo é socialista? É um princípio sólido que o oficial não deve ter

filiações partidárias, deve servir fielmente aos sucessivos governos e não deve ser prejudicado por suas opiniões políticas. Ainda assim, nenhum governo pode se dar ao luxo de deixar seus inimigos em posições-chave, e quando o Partido Trabalhista está no poder indiscutível pela primeira vez – e, portanto, quando está assumindo uma administração formada por Conservadores – ele claramente deve fazer mudanças suficientes para evitar sabotagem. O funcionário, mesmo quando amigo do governo no poder, está muito consciente de que ele é permanente e pode frustrar os ministros de curta duração a quem ele deve servir.

Quando um governo trabalhista assumir o

controle, o que acontecerá com a Scotland Yard Special Branch? Com a Inteligência Militar? Com o Serviço Consular? Com as diversas administrações coloniais – e assim por diante? Não nos dizem, mas tais sintomas não sugerem que qualquer remodelação muito extensa esteja ocorrendo. Ainda estamos representados no exterior pelos mesmos embaixadores, e a censura da BBC parece ter a mesma cor sutilmente reacionária que sempre teve. A BBC afirma, é claro, ser independente e não política. Uma vez me disseram que sua “linha”, se houvesse, seria a de representar a ala esquerda do governo no poder. Mas isso foi nos dias do governo Churchill. Se ela representa a Ala de Esquerda do atual Governo, eu não notei

o fato.

No entanto, o ponto principal deste episódio é que os vendedores de jornais e panfletos não deveriam sofrer qualquer tipo de interferência. Qual minoria em particular é destacada – sejam os Pacifistas, Comunistas, Anarquistas, Testemunhas de Jeová ou a Legião dos Reformadores Cristãos que recentemente declararam Hitler como sendo Jesus Cristo – é uma questão secundária. É de importância sintomática que essas pessoas tenham sido presas naquele local em particular. Não é permitido vender literatura dentro do Hyde Park, mas há muitos anos é comum que os vendedores de jornais se posicionem do lado de fora dos portões e distribuam literatura

relacionada com as reuniões ao ar livre a cem metros de distância. Todo tipo de publicação tem sido vendida lá sem interferência.

Quanto às reuniões dentro do Parque, elas são uma das pequenas maravilhas do mundo. Em diferentes momentos escutei lá nacionalistas indianos, reformadores da Temperança, comunistas, trotskistas, o SPGB¹⁷, a Sociedade Católica de Evidência, livres-pensadores, vegetarianos, mórmons, o Exército da Salvação, o Exército da Igreja e uma grande variedade de lunáticos comuns, todos tomando sua vez na tribuna de forma ordenada e recebendo uma audiência bastante bem-humorada da multidão. É certo que Hyde Park é uma área especial, uma espécie de

Alsácia¹⁸ onde opiniões ilegais são autorizadas a caminhar – ainda assim, há muito poucos países no mundo onde se pode ver um espetáculo semelhante. Conheci europeus continentais, muito antes de Hitler tomar o poder, que saíram do Hyde Park espantados e até perturbados com as coisas que tinham ouvido dizer sobre o Império Britânico.

O grau de liberdade de imprensa existente neste país é muitas vezes superestimado. Tecnicamente existe uma grande liberdade mas, o fato de a maioria da imprensa ser de propriedade de poucas pessoas, opera de forma muito semelhante a uma censura estatal. Por outro lado, a liberdade de expressão é real. Na plataforma, ou em certos espaços

reconhecidos ao ar livre como o Hyde Park, pode-se dizer quase tudo e, o que talvez seja mais significativo, ninguém tem medo de expressar suas verdadeiras opiniões em bares, em paradas de ônibus e assim por diante.

A questão é que a liberdade relativa que desfrutamos depende da opinião pública. A lei não é proteção. Os governos fazem leis, mas se elas são cumpridas, e como a polícia se comporta, depende do temperamento geral do país. Se um grande número de pessoas estiver interessado na liberdade de expressão, haverá liberdade de expressão, mesmo que a lei a proíba; se a opinião pública for preguiçosa, as minorias inconvenientes serão perseguidas, mesmo que existam leis que as protejam. O

declínio no desejo de liberdade intelectual não foi tão acentuado como eu previa há seis anos, quando a guerra estava começando, mas ainda assim houve um declínio. A noção de que certas opiniões não podem ser ouvidas com segurança está crescendo. É dada moeda de troca por intelectuais que confundem a questão ao não distinguir entre oposição democrática e rebelião aberta, e se reflete em nossa crescente indiferença à tirania e à injustiça no exterior. E mesmo aqueles que se declaram a favor da liberdade de opinião, geralmente abandonam sua reivindicação quando são seus próprios adversários que estão sendo perseguidos.

Não estou sugerindo que a prisão de cinco

peças por venderem jornais inofensivos seja uma grande calamidade. Quando você vê o que está acontecendo no mundo hoje, não parece valer a pena gritar sobre um incidente tão minúsculo. Mesmo assim, não é um bom sintoma que tais coisas aconteçam quando a guerra estiver bem terminada, e eu deveria me sentir mais feliz se isso, e a longa série de episódios semelhantes que a precederam, fossem capazes de levantar um genuíno clamor popular, e não apenas uma leve agitação em seções da imprensa minoritária.

Tribuna, em 7 de dezembro de 1945



Resenha da Invasão de Marte

OUTUBRO DE 1940

Há quase dois anos o Sr. Orson Welles produziu na Columbia Broadcasting System (CBS), em Nova York, uma peça de rádio baseada na fantasia de H. G. Wells “*A Guerra dos Mundos*”. A transmissão não foi concebida como um embuste, mas teve um resultado surpreendente e imprevisto. Milhares de pessoas confundiram-na com uma transmissão de notícias e realmente acreditaram por algumas horas que os

marcianos tinham invadido a América e estavam marchando pelo campo em pernas de aço de cem pés de altura, massacrando tudo e todos com seus raios de calor. Alguns dos ouvintes estavam tão apavorados que saltaram para dentro de seus carros e fugiram. Os números exatos são, é claro, indisponíveis, mas os compiladores desta pesquisa (foi feita por um dos departamentos de pesquisa de Princeton) têm motivos para pensar que cerca de seis milhões de pessoas ouviram a transmissão e que bem mais de um milhão foi, em algum grau, afetada pelo pânico.

Na época, este caso causou divertimento em todo o mundo e a credulidade dos americanos foi muito comentada. No entanto, a maioria

dos relatos que apareceram no exterior foram de certa forma enganosos. O texto da produção de Orson Welles é dado na íntegra, e parece que, além do anúncio de abertura e de um diálogo no final, toda a peça é feita na forma de boletins informativos, ostensivamente informativos com nomes de emissoras a eles anexados. Este é um método bastante natural de produzir uma peça desse tipo, mas também era natural que muitas pessoas que por acaso ligaram o rádio após o início da peça imaginassem que estavam ouvindo uma transmissão de notícias. Havia, portanto, dois atos de crença distintos envolvidos: (i) que a peça era um boletim de notícias, e (ii) que um boletim de notícias pode ser tomado como

verdadeiro. E é justamente aqui que reside o interesse da investigação.

Nos EUA, o rádio é o principal veículo de notícias. Há um grande número de estações de transmissão e praticamente todas as famílias possuem um rádio. Os autores até fazem a surpreendente declaração de que é mais comum possuir um rádio do que assinar um jornal. Portanto, para transferir este incidente para a Inglaterra, talvez seja preciso imaginar as notícias da invasão marciana aparecendo na primeira página de um dos jornais vespertinos. Sem dúvida, tal coisa causaria um grande alvoroço. Sabe-se que os jornais são habitualmente inverídicos, mas também se sabe que eles não podem contar mentiras de

mais do que uma certa magnitude e qualquer um que veja enormes manchetes em seu jornal anunciando a chegada de um disco voador de Marte provavelmente acreditaria no que ele leu, de qualquer forma acreditaria durante os poucos minutos necessários para se averiguar. Realmente surpreendente, porém, foi que tão poucos dos ouvintes tentaram qualquer tipo de verificação. Os compiladores da pesquisa dão detalhes de 250 pessoas que confundiram a transmissão com um boletim de notícias. Parece que mais de um terço deles não tentaram nenhum tipo de verificação; assim que souberam que o fim do mundo estava chegando, aceitaram-no sem qualquer crítica. Alguns imaginavam que era realmente uma

invasão alemã ou japonesa, mas a maioria acreditava nos marcianos, e isto incluía pessoas que só tinham ouvido falar da “invasão” pelos vizinhos, e até mesmo alguns que tinham começado já com o conhecimento de que estavam ouvindo uma peça de ficção. Aqui estão trechos de um ou dois dos depoimentos:

— Eu estava visitando a esposa do pastor quando um menino chegou e disse: “Uma estrela acabou de cair”. Ligamos o rádio – todos sentimos que o mundo estava chegando ao fim... Corri para os vizinhos para dizer-lhes que o mundo estava chegando ao fim

— Eu chamei meu marido: “Dan, por que você não se veste melhor? Você não quer morrer

com suas roupas de trabalho”.

— Meu marido levou Maria para a cozinha e lhe disse que Deus nos havia colocado nesta terra para sua honra e glória e que era para Ele dizer quando era nossa hora de partir. Papai continuou chamando “Ó Deus, faça o que puder para nos salvar”.

— Olhei na geladeira e vi um pouco de frango do jantar de domingo... Disse ao meu sobrinho: “Mais vale comermos este frango – não estaremos aqui pela manhã”.

— Eu esperava com algum prazer a destruição de toda a raça humana ... Se houver o domínio fascista do mundo, de qualquer forma não há propósito em viver.

A pesquisa não revela nenhuma explicação abrangente sobre o pânico. Tudo o que ela estabelece é que as pessoas mais prováveis de serem afetadas eram os pobres, os pouco educados e, acima de tudo, as pessoas que eram economicamente inseguras ou tinham vidas pessoais infelizes. A conexão evidente entre a infelicidade pessoal e a prontidão para acreditar no inacreditável é sua descoberta mais interessante. Observações como “Tudo está tão confuso no mundo que qualquer coisa pode acontecer” ou “desde que todos morram, está tudo bem”, são surpreendentemente comuns nas respostas ao questionário. As pessoas que estão desempregadas ou à beira da falência há dez anos podem ficar realmente

aliviadas ao saber da aproximação do fim da civilização. É um estado de espírito semelhante que tem induzido nações inteiras a se atirarem nos braços de um salvador. Este livro é uma nota de rodapé para a história da depressão mundial e, apesar de ser escrito no horrível dialeto de psicólogo americano, é uma leitura muito divertida.

*The New Statesman and Nation, em 26 de
outubro de 1940*



Visões de um futuro totalitário¹⁹

1942

A luta pelo poder entre os partidos republicanos espanhóis é uma coisa infeliz e distante, que eu não tenho nenhum desejo de reviver esta data. Menciono isso apenas para dizer: não acredite em nada, ou quase nada, do que você leu sobre assuntos internos do Governo. É tudo, de qualquer fonte, propaganda partidária – ou seja, mentiras. A ampla verdade sobre a guerra é bastante simples. A burguesia espanhola viu sua

chance de esmagar o movimento operário e a tomou, auxiliada pelos nazistas e pelas forças reacionárias em todo o mundo. É duvidoso que mais do que isso venha a ser estabelecido.

Lembro-me de dizer uma vez a Arthur Koestler,²⁰ “A história parou em 1936”, ao que ele acenou com a cabeça em concordância imediata. Ambos estávamos pensando no totalitarismo em geral, mas mais particularmente na Guerra Civil Espanhola. No início da vida eu tinha notado que nenhum evento era relatado corretamente em um jornal, mas na Espanha, pela primeira vez, vi reportagens de jornais que não tinham nenhuma relação com os fatos, nem mesmo a relação que está implícita em uma mentira

comum. Vi grandes batalhas noticiadas onde não havia brigas e o silêncio completo onde centenas de homens haviam sido mortos. Vi tropas que haviam lutado bravamente serem denunciadas como covardes e traidoras, e outros que nunca haviam visto um tiro disparado serem saudados como os heróis de vitórias imaginárias; e vi jornais em Londres vendendo essas mentiras e intelectuais ávidos construindo superestruturas emocionais sobre eventos que nunca haviam acontecido. Vi, de fato, a história ser narrada não em termos do que aconteceu, mas do que deveria ter acontecido de acordo com várias “linhas partidárias”. Mas de certa forma, por mais horrível que tudo isso tenha sido,

não foi importante. Tratava-se de questões secundárias – a saber, a luta pelo poder entre o Comintern²¹ e os partidos de esquerda espanhóis, e os esforços do governo russo para impedir a revolução na Espanha. Mas o quadro geral da guerra que o governo espanhol apresentou ao mundo não era inverídico. As principais questões eram o que ele dizia que eram. Mas, quanto aos fascistas e seus defensores, como poderiam chegar tão perto da verdade quanto isso? Como eles poderiam mencionar seus verdadeiros objetivos? Sua versão da guerra era pura fantasia e, nas circunstâncias, não poderia ter sido de outra forma. A única linha de propaganda aberta aos nazistas e fascistas era a de se representarem

como patriotas cristãos salvando a Espanha de uma ditadura russa.

Isso envolvia fingir que a vida na Espanha governamental era apenas um longo massacre (vide *the Catholic Herald* ou o *Daily Mail* – mas estas eram brincadeiras de criança em comparação com a imprensa fascista continental), e envolvia exagerar imensamente a escala da intervenção russa. Da enorme pirâmide de mentiras que a imprensa católica e reacionária de todo o mundo construiu, deixe-me tomar apenas um ponto – a presença, na Espanha, de um exército russo. Todos os partidários devotos de Franco acreditavam nisso; as estimativas de sua força chegaram a meio milhão. No entanto, não havia

um exército russo na Espanha. Pode ter havido um punhado de aviadores e outros técnicos, algumas centenas no máximo, mas não havia um exército na Espanha. Alguns milhares de estrangeiros que lutaram na Espanha, para não mencionar milhões de espanhóis, foram testemunhas disso. Bem, seu testemunho não causou nenhuma impressão nos propagandistas franquistas, nem um deles havia colocado os pés na Espanha oficial. Simultaneamente, essas pessoas se recusaram totalmente a admitir o fato da intervenção alemã ou italiana, ao mesmo tempo em que as imprensas alemã e italiana se gabavam abertamente das façanhas de seus “legionários”. Escolhi mencionar apenas um

ponto, mas na verdade toda a propaganda fascista sobre a guerra estava neste nível.

Este tipo de coisa é assustador para mim, pois muitas vezes me dá a sensação de que **o próprio conceito de verdade objetiva está desaparecendo do mundo**. Afinal de contas, as chances são de que essas mentiras, ou de qualquer forma mentiras semelhantes, passem para a história. Como será escrita a história da Guerra Espanhola? Se Franco permanecer no poder, seus indicados escreverão os livros de história, e (para manter meu ponto escolhido) o exército russo que nunca existiu se tornará um fato histórico, e as crianças da escola aprenderão sobre ele por gerações a partir de então. Mas suponha

que o fascismo seja finalmente derrotado e que algum tipo de governo democrático seja restaurado na Espanha num futuro próximo; mesmo assim, como se escreverá a história da guerra? Que tipo de registros Franco terá deixado para trás? Suponha até mesmo que os registros mantidos pelo Governo sejam recuperáveis – mesmo assim, como se deve escrever uma história verdadeira da guerra? Pois, como eu já assinalei, o Governo também tratou extensivamente de mentiras. Do ponto de vista antifascista, pode-se escrever uma história amplamente verdadeira da guerra, mas seria uma história partidária, não confiável em todos os pontos menores. No entanto, afinal, algum tipo de história será

escrito, e depois que aqueles que realmente se lembrarem da guerra estiverem mortos, ela será universalmente aceita. Portanto, para todos os fins práticos, a mentira terá se tornado verdade.

Eu sei que é moda dizer que a maior parte da história registrada é mentira de qualquer forma. Estou disposto a acreditar que a história é, na maioria das vezes, imprecisa e tendenciosa, mas o que é peculiar à nossa própria época é o abandono da ideia de que a história poderia ser verdadeiramente escrita. No passado, as pessoas mentiram deliberadamente, ou coloriram inconscientemente o que escreviam, ou se esforçaram para obter a verdade, sabendo

bem que deveriam cometer muitos erros; mas em cada caso eles acreditavam que “os fatos” existiam e eram mais ou menos detectáveis. E na prática havia sempre um corpo considerável de fatos que teria sido aceito por quase todos. Se você olhar a história da última guerra, por exemplo, na *Encyclopaedia Britannica*, verá que uma quantidade respeitável do material é extraída de fontes alemãs. Um historiador britânico e um alemão discordariam profundamente sobre muitas coisas, mesmo sobre os fundamentos, mas ainda haveria aquele conjunto, por assim dizer, de fato neutro sobre o qual nenhum deles desafiaria seriamente o outro. É apenas esta base comum de concordância, com

sua implicação de que os seres humanos são todos uma espécie de animal, que o totalitarismo destrói. A teoria nazista de fato nega especificamente que tal coisa como “a verdade” existe. Não existe, por exemplo, uma coisa como “ciência”. Existe apenas a “ciência alemã”, a “ciência judaica”, etc. O objetivo implícito desta linha de pensamento é um mundo de pesadelo no qual o Líder, ou algum grupo governante, controla não apenas o futuro, mas o passado. Se o Líder diz acerca de tal evento, ‘Nunca aconteceu’ – bem, nunca aconteceu. Se ele diz que dois e dois são cinco – bem, dois e dois são cinco. **Esta perspectiva me assusta muito mais do que as bombas** – e depois de nossas experiências dos últimos

anos isso, essa não é uma afirmação frívola.

Mas seria talvez infantil ou mórbido aterrorizar-se com visões de um futuro totalitário? Antes de escrever o mundo totalitário como um pesadelo que não pode se tornar realidade, basta lembrar que em 1925 o mundo de hoje teria parecido um pesadelo que não poderia se tornar realidade. Contra esse mundo fantasmagórico mutável no qual o preto pode ser branco amanhã e o clima de ontem pode ser mudado por decreto, na realidade existem apenas duas salvaguardas. Uma é que, por mais que você negue a verdade, a verdade continua existindo, por assim dizer, nas suas costas, e você conseqüentemente não pode violá-la de forma a prejudicar a eficiência

militar. A outra é que enquanto algumas partes do mundo permanecerem inconquistáveis, a tradição liberal pode ser mantida viva. Deixe o fascismo, ou possivelmente até uma combinação de vários fascismos, conquistar o mundo inteiro e essas duas condições não existem mais. Nós na Inglaterra subestimamos o perigo deste tipo de coisa, porque nossas tradições e nossa segurança passada nos dão a crença sentimental de que tudo dá certo no final e a coisa que você mais teme nunca acontece de fato. Nutridos durante centenas de anos em uma literatura na qual a Direita invariavelmente triunfa no último capítulo, acreditamos meio a meio que o mal sempre se derrota a si mesmo a longo prazo. O pacifismo,

por exemplo, é fundado em grande parte nesta crença. Não resista ao mal e ele se destruirá de alguma forma. Mas por que deveria? Que provas existem de que o faz? E que exemplo existe de um estado industrializado moderno em colapso, a menos que seja conquistado do exterior pela força militar?

Considere, por exemplo, a reinstituição da escravidão. Quem poderia ter imaginado há vinte anos que a escravidão voltaria à Europa? Bem, a escravidão foi restaurada sob nossos narizes. Os campos de trabalho forçado em toda a Europa e no norte da África, onde poloneses, russos, judeus e prisioneiros políticos de todas as raças labutam na construção de estradas ou na drenagem de

pântanos por suas rações brutas, são simples escravidão bárbara. O máximo que se pode dizer é que a compra e venda de escravos por indivíduos ainda não é permitida. De outras formas – a desagregação de famílias, por exemplo – as condições são provavelmente piores do que eram nas plantações americanas de algodão. Não há razão para pensar que este estado de coisas mudará enquanto durar qualquer dominação totalitária. Não entendemos todas as suas implicações porque, à nossa maneira mística, sentimos que um regime fundado na escravidão deve entrar em colapso. Mas vale a pena comparar a duração dos impérios de escravos da antiguidade com a de qualquer estado moderno. As

civilizações fundadas na escravatura duraram por períodos tais como quatro mil anos.

Quando penso na antiguidade, o detalhe que me assusta é que aquelas centenas de milhões de escravos sobre cujas costas a civilização repousava, geração após geração, não deixaram para trás nenhum registro. Nós nem sequer sabemos seus nomes. Em toda a história grega e romana, quantos nomes de escravos são conhecidos por você? Eu posso pensar em dois, ou possivelmente três. Um é Espártaco²² e o outro é Epicteto.²³ Além disso, na sala romana do Museu Britânico há um frasco de vidro com o nome do fabricante inscrito no fundo, “*Felix fecit*”. Tenho uma imagem mental viva do pobre Félix (um gaulês de cabelo vermelho

e uma gola de metal ao redor do pescoço), mas na verdade ele pode não ter sido um escravo; assim, há apenas dois escravos cujos nomes eu definitivamente conheço, e provavelmente poucas pessoas podem se lembrar de mais. Os demais caíram em completo silêncio.

Looking Back on the Spanish War, provavelmente
1942



O que é Fascismo?

MARÇO DE 1944

De todas as perguntas não respondidas de nosso tempo, talvez a mais importante seja: “**O que é fascismo?**”.

Uma das organizações de pesquisa social na América fez recentemente esta pergunta a uma centena de pessoas diferentes e obteve respostas que vão de “democracia pura” a um “diabolismo puro”. Neste país, se se pedir a uma pessoa medianamente esclarecida que defina o fascismo, ela em geral responderá apontando os regimes alemão e italiano. Mas isso é muito

insatisfatório, porque mesmo os grandes Estados fascistas diferem em boa medida um do outro em estrutura e em ideologia.

Não é fácil, por exemplo, encaixar a Alemanha e o Japão num mesmo contexto, e isso é ainda mais difícil em relação a alguns dos pequenos Estados que se poderiam descrever como fascistas. Geralmente supõe-se, por exemplo, que o fascismo é inerentemente belicoso, que ele prospera num ambiente de histeria bélica e só pode resolver seus problemas econômicos mediante preparativos para a guerra ou conquistas estrangeiras. Mas isso claramente não é verdadeiro no que tange, digamos, a Portugal ou a várias ditaduras sul-americanas. Ou, ainda, o antissemitismo

é tido como uma das marcas distintivas do fascismo; mas alguns movimentos fascistas não são antissemitas. Controvérsias eruditas que reverberaram por anos sem fim em revistas americanas não foram capazes nem mesmo de determinar se o fascismo é ou não capitalista. Quando aplicamos o termo “fascismo” à Alemanha ou ao Japão ou à Itália de Mussolini, sabemos amplamente a que estamos nos referindo. Foi na política interna que essa palavra perdeu o último vestígio de um significado. Porque, se examinar a imprensa, você verá que não existe quase nenhum grupo de pessoas — certamente não um partido político nem um corpo organizado de nenhum tipo — que não tenha sido

denunciado como fascista durante os últimos dez anos.

Não estou me referindo aqui ao uso verbal do termo “fascista”, estou me referindo ao que tenho visto impresso. Tenho visto os termos “simpatizante do fascismo”, “de tendência fascista” ou simplesmente “fascista” aplicados com toda a seriedade aos seguintes grupos de pessoas:

Conservadores: todos os conservadores, apaziguadores ou antiapaziguadores²⁴, são tidos como subjetivamente pró-fascistas. O governo britânico na Índia e nas colônias é tido como indistinguível do nazismo. Organizações de um tipo que poderia ser chamado de patriótico e tradicional são rotuladas como

criptofascistas ou “de mentalidade fascista”. Exemplos disso são os Escoteiros, a Polícia Metropolitana, o MI-5²⁵, a Legião Britânica.²⁶ Chavão típico: “*As escolas públicas são terreno fértil para o fascismo*”;

Socialistas: defensores de um capitalismo de estilo antigo (exemplo, sir Ernest Benn) sustentam que socialismo e fascismo são a mesma coisa. Alguns jornalistas católicos afirmam que os socialistas têm sido os principais colaboracionistas nos países ocupados pelos nazistas. A mesma acusação é feita de um ângulo diferente pelo Partido Comunista durante suas fases ultraesquerdistas. No período 1930-55 o *Daily Worker* referia-se habitualmente ao Partido

Trabalhista como os Fascistas Trabalhistas (*Labour-Fascists*). Isso foi repetido por outros extremistas de esquerda, como os anarquistas. Alguns nacionalistas indianos consideram os sindicatos britânicos como organizações fascistas;

Comunistas: uma considerável escola de pensamento (exemplos, Rausching, Peter Drucker, James Burnham, F. A. Voigt) recusa-se a reconhecer a diferença entre os regimes nazista e soviético e sustenta que todos os fascistas e comunistas visam aproximadamente à mesma coisa e são até, em certa medida, o mesmo povo. Editoriais no *The Times* (pré-guerra) referiram-se à URSS como “país fascista”. De novo, isso é repetido, por

outros ângulos, por anarquistas e trotskistas;

Trotskistas: os comunistas acusam os trotskistas propriamente ditos, isto é, a organização do próprio Trótski, de ser um órgão criptofascista a serviço dos nazistas. A esquerda acreditava amplamente nisso durante o período da Frente Popular.²⁷ Em suas fases ultradireitistas, os comunistas tenderam a fazer a mesma acusação a todas as facções à esquerda deles mesmos, como a *Commonwealth*²⁸ ou o Partido Trabalhista Independente;

Católicos: fora de suas próprias fileiras, a Igreja Católica é quase universalmente considerada pró-fascista, tanto objetiva quanto subjetivamente;

Os anti-guerra:²⁹ pacifistas e outros oponentes ao conflito, com frequência são acusados não só de tornar as coisas mais fáceis para o Eixo, como de manifestar sinais de um sentimento pró-fascista;

Os apoiadores da guerra: os que resistem à ideia de uma guerra, usualmente baseiam sua posição na alegação de que o imperialismo britânico é pior do que o nazismo, e tendem a aplicar o termo “fascista” a qualquer um que queira uma vitória militar. Os que apoiaram a Convenção do Povo chegaram perto de proclamar que a vontade de resistir à invasão nazista era um sinal de simpatia pelo fascismo. A Home Guard foi denunciada como organização fascista assim que surgiu.

Além disso, toda a esquerda tende a equiparar militarismo com fascismo. Soldados rasos com consciência política quase sempre se referem a seus oficiais como “*de mentalidade fascista*”, ou “*fascistas naturais*”. Escolas militares, a cultura de ordem, polimento e limpeza³⁰, bater continência aos oficiais, tudo isso é considerado ligado ao fascismo. Antes da guerra, aderir aos *Territorials*³¹ era considerado sinal de tendências fascistas. Recrutamento obrigatório e Exército profissional são ambos denunciados como fenômenos fascistas.

Nacionalistas: o nacionalismo é sempre considerado inerentemente fascista, mas entende-se que isso é aplicável apenas

a movimentos nacionais desaprovados por quem os está avaliando. O nacionalismo árabe, o nacionalismo polonês, o nacionalismo finlandês, o Partido do Congresso indiano, a Liga Muçulmana, o Sionismo e o IRA³² são todos descritos como fascistas — mas não pelas mesmas pessoas.

* * *

Vê-se que, como usada, a palavra “fascismo” é quase totalmente desprovida de sentido. Na conversa, é claro, ela é usada ainda de forma mais desenfreada do que na escrita. Ouvi dizer que se aplica a agricultores, comerciantes, crédito social, castigos corporais, caça à raposa, luta de touros, o Comitê de 1922, o Comitê de 1941, Kipling, Gandhi, Chiang Kai-Shek,

homossexualidade, programas de rádio de Priestley, albergues da juventude, astrologia, mulheres, cães e não sei o que mais.

No entanto, debaixo de toda esta confusão existe uma espécie de significado enterrado. Para começar, é claro que existem diferenças muito grandes, algumas delas fáceis de apontar porém não fáceis de explicar, entre os regimes chamados fascistas e aqueles chamados democráticos. Em segundo lugar, se “fascista” significa “em simpatia com Hitler”, algumas das acusações que eu listei acima são obviamente muito mais justificadas do que outras. Em terceiro lugar, mesmo as pessoas que imprudentemente atiram a palavra “fascista” em todas as

direções, lhe atribuem, de qualquer forma, um significado emocional. Por “fascismo” eles querem dizer, a grosso modo, algo cruel, inescrupuloso, arrogante, obscurantista, antiliberal e anticlasse trabalhadora. Exceto pelo número relativamente pequeno de simpatizantes fascistas, quase qualquer pessoa inglesa aceitaria “*valentão*”³³ como sinônimo de “fascista”. Isto é o mais próximo de uma definição que esta tão abusada palavra chegou. Mas o fascismo também é um sistema político e econômico. Por que, então, não podemos ter uma definição clara e aceita por todos? Lamentavelmente não teremos uma! — Pelo menos ainda não, ainda não. Expressar o porquê levaria muito tempo, mas basicamente

é porque é impossível definir o fascismo de forma satisfatória sem fazer confissões que nem os próprios fascistas, nem os conservadores, nem os socialistas de qualquer cor, estão dispostos a fazer. Tudo o que se pode fazer no momento é usar a palavra com uma certa circunspeção e não, como geralmente se faz, degradá-la ao nível de um palavão.

Tribuna, 24 de março de 1944



Resenha de Mein Kampf, de Adolf Hitler

MARÇO DE 1940

É um sinal da velocidade com que os eventos estão se sucedendo que a edição não-expurgada de Hurst e Blackett do Mein Kampf, publicada há apenas um ano, tenha sido editada em um ângulo pró-Hitler. A intenção óbvia do prefácio e das anotações do tradutor é de suavizar a ferocidade do livro e apresentar Hitler da maneira mais gentil

possível. Pois naquela data, Hitler ainda era respeitável. Ele havia esmagado o movimento trabalhista alemão e por isso, as classes de proprietários estavam dispostas a perdoar-lhe quase tudo. Tanto a esquerda como a direita concordavam na noção muito superficial de que o nacional-socialismo era apenas uma versão do conservadorismo.

Depois se revelou de súbito que Hitler, afinal de contas, não era respeitável. Como um dos resultados disso, a edição de Hurst e Blackett foi relançada com uma nova capa, explicando que todos os lucros seriam doados à Cruz Vermelha. Não obstante, com a evidência interna do conteúdo de Mein Kampf, é difícil acreditar que tenha havido qualquer mudança

real nos objetivos e nas opiniões de Hitler. Quando se comparam seus pronunciamentos de um ano atrás com os que foram feitos quinze anos antes, uma coisa que impressiona é a rigidez de sua mente, o modo como sua visão de mundo não evolui. É a visão fixa de um monomaniaco e não susceptível de ser muito afetada pelas manobras temporárias da política de poder. É provável que, na própria mente de Hitler, o Pacto Russo-Alemão não represente mais do que uma mudança de cronograma. O plano exposto em Mein Kampf era esmagar primeiro a Rússia, com a intenção implícita de esmagar a Inglaterra em seguida. Agora, como as coisas se apresentam, a Inglaterra tem de lidar com o fato de ser a

primeira, porque a Rússia foi, entre as duas, a mais fácil de subornar. Mas a vez da Rússia chegará quando a Inglaterra já estiver fora de cena — é assim, sem dúvida, que Hitler encara a questão. Se vai acontecer desse modo é, evidentemente, outra questão.

Suponha-se que o programa de Hitler pudesse ser posto em prática. O que ele imagina, para daqui a cem anos, é um estado [territorialmente] contínuo com 250 milhões de alemães com abundante “sala de estar”³⁴ (isto é, estendendo-se até o Afeganistão ou arredores), um horrível império sem cérebro no qual, em essência, nada jamais acontece exceto o treinamento de jovens para a guerra e a interminável produção de bucha fresca para

canhão. Como é que ele teria sido capaz de tornar efetiva uma decisão tão monstruosa? É fácil dizer que em certo estágio de sua carreira ele foi financiado pelos industriais, que viram nele o homem que esmagaria o socialismo e o comunismo. Contudo, não o teriam apoiado se ele já não tivesse trazido à existência um grande movimento. Deve-se lembrar que a situação da Alemanha, com seus sete milhões de desempregados, era obviamente favorável aos demagogos. Mas Hitler não teria tido sucesso contra seus muitos rivais, não fosse a atração de sua própria personalidade, que se pode sentir até mesmo na desajeitada escrita de Mein Kampf e que, sem dúvida, é avassaladora quando se ouvem seus

discursos... O fato é que há nele algo que é profundamente atraente.

Dá para sentir isso mais uma vez quando olhamos suas fotografias — e recomendo em especial a foto do início da edição de Hurst e Blackett, que mostra Hitler com a camisa parda³⁵ dos primeiros tempos. É um rosto triste e canino, o rosto de um homem sofrendo sob injustiças intoleráveis. De uma forma um pouco mais masculina, reproduz a expressão de inúmeras imagens de Cristo crucificado, e não há dúvida de que é assim que Hitler vê a si mesmo. A causa inicial, pessoal, de sua queixa contra o universo só pode ser imaginada; mas, de qualquer forma, a queixa está aqui. Ele é o mártir, a vítima, Prometeu acorrentado

à rocha, o herói abnegado que luta sozinho contra probabilidades impossíveis. Se ele estivesse matando um rato, ele saberia como fazê-lo parecer um dragão. Sente-se, como com Napoleão, que está lutando contra o destino que não pode vencer e, ainda assim, que de alguma forma é merecedor disso. A atração de tal postura é, naturalmente, enorme; metade dos filmes que se vê giram em torno de algum tema assim.

Ele também compreendeu a falsidade da atitude hedonista em relação à vida. Quase todo pensamento ocidental desde a última guerra, certamente todo pensamento “progressista”, tem assumido tacitamente que os seres humanos não desejam nada além de

facilidade, segurança e evitar a dor. Em tal visão da vida não há espaço, por exemplo, para o patriotismo e as virtudes militares. O socialista que encontra seus filhos brincando de soldados geralmente fica chateado, mas nunca é capaz de pensar em um substituto para os soldados de chumbo; os “pacifistas de chumbo”, de alguma forma, não funcionam. Hitler, porque em sua própria mente sem alegria ele o sente com força excepcional, sabe que os seres humanos não querem muito conforto, segurança, horas de trabalho curtas, higiene, controle de natalidade e, em geral, senso comum; eles também, pelo menos intermitentemente, querem luta e auto-sacrifício, para não mencionar tambores,

bandeiras e desfiles de lealdade. Por mais que sejam teorias econômicas, o fascismo e o nazismo são psicologicamente muito mais sólidos do que qualquer concepção hedonista da vida. O mesmo provavelmente acontece com a versão militarizada do Socialismo de Stalin. Todos os três grandes ditadores aumentaram seu poder impondo fardos intoleráveis a seus povos. Enquanto o Socialismo, e até mesmo o capitalismo de uma forma mais rancorosa, tem dito às pessoas “Eu lhes ofereço uma boa vida”, Hitler lhes disse “Eu lhes ofereço luta, perigo e morte” e, como resultado, toda uma nação se atira a seus pés. Talvez mais tarde eles se fartem disso e mudem de ideia, como no final da última guerra.

Após alguns anos de massacre e fome, “*Maior felicidade para a maior parte*” é um bom slogan, mas neste momento “*Melhor um fim com horror do que um horror sem fim*” é um vencedor. Agora que estamos lutando contra o homem que o cunhou, não devemos subestimar seu apelo emocional.

New English Weekly, 21 de março de 1940



Profecias do fascismo

JUNHO DE 1940

Resenha de ***O Tacão de Ferro***, de Jack London;
O Adormecido Desperta, de H. G. Wells;
Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley;
O Segredo da Liga de Ernest Bramah.

A reimpressão de **O Tacão de Ferro**³⁶, de Jack London, traz ao alcance geral um livro que tem sido muito procurado durante os anos de agressão fascista. Como outros livros de Jack London, ele tem sido amplamente lido na Alemanha e tem tido a reputação de ser uma previsão acurada da aparição de Hitler.

Na realidade, não é isso. É apenas um conto de opressão capitalista e foi escrito numa época em que várias coisas que tornaram o fascismo possível - por exemplo, o tremendo renascimento do nacionalismo - não eram fáceis de prever.

Onde London demonstrou uma perspicácia especial, no entanto, foi ao perceber que a transição para o socialismo não seria automática ou mesmo fácil. A classe capitalista não iria “*perecer de suas próprias contradições*” como uma flor morrendo no final da primavera. A classe capitalista foi bastante inteligente para ver o que estava acontecendo, para desfazer suas próprias diferenças e contra-atacar os trabalhadores; e

a luta resultante seria a mais sangrenta e inescrupulosa que o mundo já havia visto.

Vale a pena comparar *O Tacão de Ferro* com outro romance imaginativo do futuro que foi escrito um pouco antes e ao qual ele deve algo, ***O Adormecido Desperta***,³⁷ de H.G. Wells. Ao fazer isso, pode-se ver as limitações de London e também a vantagem de não ser, como Wells, um homem totalmente civilizado. Como livro, *O Tacão de Ferro* é extremamente inferior. É desajeitadamente escrito, não mostra nenhuma compreensão das possibilidades científicas e o herói é o tipo de papagaio que agora está desaparecendo até mesmo dos panfletos socialistas. Mas, por causa de sua própria tendência à selvageria, London

pôde captar algo que Wells aparentemente não conseguiu, ou seja, que as sociedades hedonistas não perduram.

Todos que já leram *O Adormecido Desperta* se lembram disso. É uma visão de um mundo reluzente e sinistro no qual a sociedade se endureceu em um sistema de castas e os trabalhadores estão permanentemente escravizados. É também um mundo sem propósito, no qual as castas superiores, para as quais os trabalhadores trabalham, são completamente indulgentes, cínicas e sem fé. Não há consciência de nenhum objetivo na vida, nada que corresponda ao fervor do revolucionário ou do mártir religioso.

No *Admirável Mundo Novo*³⁸ de Aldous

Huxley, uma espécie de paródia pós-guerra da utopia de Wells, estas tendências são imensamente exageradas. Aqui o princípio hedonista é levado ao máximo, o mundo inteiro se transformou em um hotel da Riviera. Mas embora o Admirável Mundo Novo fosse uma caricatura brilhante do presente (o presente de 1930), ele provavelmente não lança nenhuma luz sobre o futuro. Nenhuma sociedade desse tipo duraria mais do que duas gerações, porque uma classe dominante baseada principalmente em uma “boa vida”, logo perderia sua vitalidade. Uma classe dominante tem que ter uma moralidade rigorosa, uma crença quase religiosa em si mesma, uma mística. London estava ciente

disso, e embora ele descreva a casta dos plutocratas que governam o mundo por sete séculos como monstros desumanos, ele não os descreve como preguiçosos ou sensualistas. Eles só podem manter sua posição enquanto honestamente acreditam que a civilização depende somente deles próprios e, portanto, de uma maneira diferente, eles são tão corajosos, capazes e dedicados quanto os revolucionários que se opõem a eles.

De uma maneira intelectual, London aceitou as conclusões do marxismo e imaginou que as “contradições” do capitalismo, o excedente não consumível, a mais-valia e assim por diante, persistiriam mesmo após a classe capitalista ter-se organizado como um único

corpo corporativo. Mas em temperamento ele foi muito diferente da maioria dos marxistas. Com seu amor à violência e à força física, sua crença na “aristocracia natural”, seu culto aos animais e sua exaltação do primitivo, London tinha dentro dele o que se poderia, com justiça, chamar de uma inclinação fascista. Isso provavelmente o ajudou a compreender como a classe capitalista se comportaria quando fosse seriamente ameaçada.

É exatamente nesse ponto que os socialistas marxistas deixaram a desejar. Sua interpretação da história era mecanicista, a ponto de não verem perigos que eram óbvios para pessoas que nunca tinham ouvido o nome de Marx. Às vezes se alega que Marx falhou

ao não prever a ascensão do fascismo. Não sei se ele previu ou não — naquela época ele só poderia fazê-lo em termos muito genéricos —, mas de qualquer maneira é certo que seus seguidores falharam ao não perceber perigo algum no fascismo até eles mesmos atingirem o portão do campo de concentração. Um ano ou mais depois que Hitler chegou ao poder, o marxismo oficial ainda proclamava que Hitler não tinha importância e que o “social-fascismo” (isto é, a democracia) é que era o real inimigo. London provavelmente não teria cometido esse erro. Seus instintos o teriam advertido de que Hitler era perigoso. Ele sabia que as leis da economia não operavam da mesma forma que as leis da gravidade,

que podiam ser controladas durante longos períodos por pessoas que, como Hitler, acreditassem em seu próprio destino.

O Tacão de Ferro e *O Adormecido Desperta* foram escritos ambos de um ponto de vista popular. *Admirável Mundo Novo*, embora primordialmente um ataque ao hedonismo, é também, por implicação, um ataque ao totalitarismo e a um governo de castas. É interessante compará-los com uma menos popular utopia que trata da luta de classes a partir do ponto de vista da classe mais alta, ou da classe média, ***O Segredo da Liga***,³⁹ de Ernest Bramah.

O Segredo da Liga foi escrito em 1907, quando o crescimento do movimento operário começava

a aterrorizar a classe média, que imaginava erroneamente, estar sendo ameaçada por baixo e não por cima. Como prognóstico político o livro é trivial, mas é de grande interesse devido à luz que lança sobre a mentalidade da luta da classe média.

O autor imagina um governo trabalhista chegando ao poder com uma maioria tão imensa que seria impossível desalojá-lo. No entanto, eles não estabelecem uma economia totalmente socialista. Apenas continuam a operar o capitalismo em seu próprio benefício, elevando com o tempo todos os salários, criando um enorme exército de burocratas e impondo às classes superiores impostos insuportáveis. O país está assim, como se diz, “indo para

o brejo”;⁴⁰ além disso, na política exterior o governo trabalhista comporta-se mais como o Governo Nacional entre 1931 e 1939. Contra isso surge uma conspiração secreta das classes média e alta, e o estilo de sua revolta é muito engenhoso, contanto que se considere o capitalismo como algo interno: é o método de greve de consumidores. Durante um período de dois anos os conspiradores da classe mais alta acumulam secretamente óleo combustível e convertem fábricas movidas a carvão em fábricas movidas a óleo; depois subitamente boicotam a principal indústria britânica, a indústria do carvão. Os mineradores se deparam com uma situação na qual não seriam capazes de vender carvão durante dois

anos. Há um grande desemprego e muita angústia, que termina numa guerra civil, na qual (trinta anos antes do general Franco!) as classes mais altas recebem ajuda do exterior. Após sua vitória elas abolem os sindicatos e instituem um regime “forte” não parlamentar — em outras palavras, um regime que agora descreveríamos como fascista. O tom do livro é bem humorado, como poderia ser naquela época, mas a tendência do pensamento é inconfundível.

Por que um escritor decente e benevolente como Ernest Bramah acharia que o esmagamento do proletariado era uma visão agradável? É simplesmente a reação de uma classe combatente que se sentiu ameaçada

nem tanto em sua posição econômica mas em seu código de comportamento e em seu modo de vida. Pode-se ver o mesmo antagonismo puramente social à classe trabalhadora num escritor de muito maior calibre, George Gissing. O tempo, e Hitler, ensinaram muita coisa às classes médias, e talvez elas não voltem a ficar do lado de seus opressores contra seus aliados naturais. Mas se farão isso ou não, depende em parte de como são manobradas e, a estupidez da propaganda socialista, com seus constantes ataques aos “pequeno-burgueses”, tem muito a responder por isso.

Tribuna, 12 de julho de 1940

* * *



Uma excelente fonte para entender a submissão do ser humano ao totalitarismo está no [“O Discurso da Servidão Voluntária”](#) de **Étienne de La Boétie**, uma análise política sobre a obediência. O livro afirma que estados e governos são mais vulneráveis do que as pessoas imaginam e podem entrar em colapso em um instante: assim que o consentimento dos governados é retirado. Esta é a fascinante tese defendida por La Boétie.

Em tempos que corporações e governos

ampliam de forma nunca antes imaginada o controle e poder sobre a população, este livro, escrito há quase 500 anos, é verdadeiramente o traço profético de nossos tempos. O conciso texto tem uma importância vital para o leitor moderno – uma importância que vai além do puro prazer de ler uma grande obra original sobre filosofia política ou, para o libertário, de ler o primeiro filósofo político dessa escola. O autor antecipou *Jefferson, Thoreau, Arendt, Gandhi* e *Luther King*. O ensaio tem profunda relevância para a compreensão da história sendo o grande inspirador da desobediência civil.



Esta coleção foi publicada pela primeira vez em 2020 pela Penguin de Londres, para comemorar 70 anos da morte de George Orwell.

O 'Fascismo e Democracia' foi publicado pela primeira vez em *The Left News*, em fevereiro de 1941.

A 'Literatura e Totalitarismo' foi transmitida pela primeira vez na rádio BBC, em 21 de maio de 1941.

A 'Liberdade do Parque' apareceu na *Tribuna*, em 7 de dezembro de 1945.

A resenha de *A Invasão de Marte*, de Hadley

Cantril, apareceu em *The New Statesman and Nation*, em 26 de outubro de 1940.

O 'Visões de um futuro totalitário' é de *Looking Back on the Spanish War*, um ensaio que Orwell provavelmente escreveu em 1942.

A Montecristo selecionou e acrescentou mais três artigos, muito relevantes para o assunto:

O que é Fascismo, *Tribuna*, 24 de março de 1944

Resenha de *Mein Kampf*, de Adolf Hitler, *New English Weekly*, 21 de março de 1940

Profecias do Fascismo, *Tribuna*, 12 de julho de 1940



Notas:

1 Texto escrito em 1941: “três libras por semana” seria um salário extremamente baixo, inclusive para a época.

2 O **Apartheid**, regime de segregação racial, foi implementado oficialmente na África do Sul em 1948 e adotado até 1994 pelos sucessivos governos. A segregação racial na África do Sul teve início ainda no período colonial, bem antes da época em que Orwell escreveu este texto.

3 A Noite das Facas Longas (*Nacht der langen Messer*) foi um expurgo que aconteceu na Alemanha Nazista na noite do dia 30 de junho para 1 de julho de 1934, quando a facção de Adolf Hitler do Partido Nazista realizou uma série de execuções políticas extrajudiciais. Os maiores alvos do expurgo foram membros da facção strasserista do partido, incluindo seu líder, Gregor Strasser. Entre as vítimas, também estavam proeminentes conservadores antinazistas (como o ex-chanceler Kurt von Schleicher e Gustav Ritter von Kahr, que havia suprimido o Putsch da Cervejaria de Hitler em 1923). Muitos daqueles que foram mortos pertenciam às lideranças da Sturmabteilung (SA), uma das organizações paramilitares do partido chamada de “camisas-pardas”.

4 O termo **pogrom** (do russo погром) tem múltiplos significados. É mais frequentemente atribuído à perseguição deliberada de um grupo étnico ou religioso, aprovado ou tolerado pelas autoridades

locais, sendo um ataque violento, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos). Historicamente, o termo tem sido usado para denominar atos em massa de violência, espontânea ou premeditada, contra judeus, protestantes, eslavos e outras minorias étnicas da Europa, porém é aplicável a outros casos, envolvendo países e povos do mundo inteiro.

5 Ernst Eduard vom Rath (3 de junho de 1909 — Paris, 9 de novembro de 1938) foi um diplomata alemão assassinado em Paris em 1938 pelo judeu polonês Herschel Grynszpan, no evento que serviu de pretexto para a Noite dos Cristais,

6 Referência, respectivamente, ao totalitarismo comunista-russo, nazista-alemão e fascista-italiano.

7 Daily Worker é um jornal diário britânico de esquerda com foco em questões sociais, políticas e sindicais. Foi fundado em 1930 como o Daily Worker pelo Partido Comunista da Grã-Bretanha (CPGB). Em 1945, a propriedade foi transferida

da CPGB para uma cooperativa de leitores independente, e alterou seu nome para The Morning Star. O jornal continua ativo e descreve sua posição editorial como estando de acordo com o caminho ao socialismo da Grã-Bretanha, o programa do Partido Comunista da Grã-Bretanha.

8 A **Batalha de Trafalgar** foi um evento bélico naval que ocorreu entre a França e Espanha contra o Reino Unido, em 21 de outubro de 1805, na era napoleônica, ao largo do cabo de Trafalgar, na costa espanhola. A esquadra franco-espanhola era comandada pelo almirante Villeneuve, enquanto a britânica era comandada pelo almirante Nelson, para muitos, o maior gênio em estratégia naval que já existiu. A França queria invadir o Reino Unido pelo Canal da Mancha, mas antes tinha que se livrar do empecilho que era a marinha britânica. Nelson tinha que evitar isso.

9 isto é, a primeira guerra mundial.

10 O jogo de críquete Eton x Harrow é um

tradicional jogo anual entre o Colégio Eton e a Escola Harrow. É uma das partidas esportivas anuais mais antigas do mundo e a única partida anual de críquete escolar ainda a ser disputada no estádio Lord's.

11 Lawrence & Wishart é uma editora britânica anteriormente associada ao Partido Comunista da Grã-Bretanha. Foi formada em 1936, através da fusão de Martin Lawrence, a imprensa do Partido Comunista, e Wishart Ltd, uma editora familiar de esquerda e antifascista.

12 The Canterbury Tales (Os Contos da Cantuária ou Os Contos de Canterbury) é uma coleção de histórias (duas delas em prosa e outras vinte e duas em verso) escritas a partir de 1387 por Geoffrey Chaucer, considerado um dos consolidadores da língua inglesa. Na obra, cada conto é narrado por um peregrino de um grupo que realiza uma viagem desde Southwark (Londres) à Catedral de Cantuária para visitar o túmulo

de São Thomas Becket. A estrutura geral é inspirada no Decamerão, de Boccaccio. A coleção de personagens dos Contos da Cantuária é muito rica, com representantes de todas as classes sociais, e os temas são igualmente variados. Os contos são recheados de acontecimentos curiosos, passagens pitorescas, citações clássicas, ensinamentos morais, relacionados à vida e aos costumes do século XIV na Inglaterra. Escrita em inglês médio, a obra foi importante na consolidação deste idioma como língua literária em substituição do francês e do latim, ainda utilizados na época de Chaucer em preferência ao inglês.

13 Esse texto foi escrito em 1941, quando a Alemanha nazista ainda era aliada da Rússia de Stalin.

14 O **Hyde Park** é um parque no centro de Londres, na Inglaterra. Junto com os jardins Kensington, que ficam adjacentes, forma uma das maiores áreas verdes da cidade, com 2,5 km² de área. Em

1855, um grupo reformista usou o parque para fazer protestos, o que ocasionou um grande embate com a polícia. Isso durou até 1872, quando o primeiro-ministro passou uma lei permitindo atos públicos numa parte específica do parque, que ficou conhecida como esquina do Orador. Até hoje, essa é uma área onde qualquer pessoa pode, em princípio, protestar sobre qualquer tópico. Uma das maiores manifestações aconteceu em 2003, quando mais de 1 000 000 de pessoas protestaram contra a guerra do Iraque.

15 **Sir Oswald Ernald Mosley**, 6º Barone (Londres, 16 de novembro de 1896 — Orsay, 3 de Dezembro de 1980) foi um dos principais líderes da extrema-direita fascista da Inglaterra e também um ativista contra a participação britânica no início da Segunda Guerra Mundial, tendo sido fundador da União Britânica de Fascistas (UBF), entre outros partidos. Foi preso em 1940, após a UBF ser banida. Libertado em 1943, ficou em prisão domiciliar até o final da guerra. Em 1951, foi morar na Irlanda e depois

França. Tentou por mais duas vezes eleger-se para o Parlamento do Reino Unido, mas recebeu pouco apoio popular e sofreu ostracismo por parte da classe política do país.

16 Assim como A Milícia Voluntária para a Segurança Nacional, grupo paramilitar da Itália fascista, os membros da milícia fascista inglesa ficaram conhecidos como camisas-negras.

17 Partido Socialista da Grã-Bretanha (SPGB – Sigla em Inglês).

18 A **Alsácia** (em francês: *Alsace*, em alemão: *Elsass*) é uma antiga região administrativa da França, localizada a leste do país, junto às fronteiras alemã e suíça. Historicamente, a região passou da França para a Alemanha diversas vezes, resultando em uma rica mistura cultural. Além disso, era ponto de passagem para os deslocamentos humanos desde antes da Idade Média, tendo recebido inúmeras contribuições culturais.

19 Trata-se de uma resenha crítica do livro “A

Invasão de Marte: Um Estudo na Psicologia do Pânico“ por Hadley Cantril. Livro de negócios e marketing. Reimprime o roteiro de Orson Wells para a transmissão de rádio da invasão, em seguida, discute como a resposta psicológica humana pode ser usada em vendas e marketing.

20 Arthur Koestler (Budapeste, 5 de setembro de 1905 — Londres, 1 de março de 1983) foi um jornalista, escritor, e ativista político judeu húngaro radicado no Reino Unido. Refugiado em Viena, matriculou-se na Escola Politécnica, mas abandonou os estudos para juntar-se aos pioneiros sionistas na Palestina. De volta à Europa, dedicou-se principalmente ao jornalismo, através do qual adquiriu enorme experiência humana, política e social. Em 1929, como correspondente dos jornais do grupo Ullstein, de Berlim, mudou-se para Paris e, em 1931, tornou-se o único jornalista a participar da expedição polar do conde Zeppelin. Nesse mesmo ano, ingressou no Partido Comunista da Alemanha. No ano seguinte, Koestler esteve na

União Soviética e, em 1936, foi enviado a Madrid, pelo New Chronicle, para cobrir a Guerra Civil Espanhola. Tendo participado ativamente da defesa de Málaga, foi preso pelas tropas de Francisco Franco e condenado à morte, sendo salvo por intervenção inglesa.

21 Comintern, a **Internacional Comunista** (do inglês Communist International) ou (Komintern) (do alemão Kommunistische Internationale) ou também conhecida como Terceira Internacional (1919-1943), foi uma organização internacional fundada por Vladimir Lenin, para reunir os partidos comunistas de diferentes países.

22 Espártaco (em latim: *Spartacus*; ca. 109 a.C. – ca. 71 a.C.) foi um gladiador de origem trácia, viveu na República romana e foi o líder da mais célebre revolta de escravos na Roma Antiga, conhecida como “Terceira Guerra Servil”, “Guerra dos Escravos” ou “Guerra dos Gladiadores”. Espártaco liderou, durante a revolta, um exército rebelde que

contou com quase 40 mil ex-escravos. Acabou por perder a guerra contra as legiões de Crasso, membro do primeiro triunvirato. O corpo de Espártaco nunca foi encontrado pelo comandante romano.

23 Epicteto (Hierápolis, 55 – Nicópolis, 135) foi um filósofo grego estoico que viveu a maior parte de sua vida em Roma, como escravo a serviço de Epafrodito, o cruel secretário de Nero que, segundo a tradição, uma vez lhe quebrou uma perna. Apesar de sua condição, conseguiu assistir às preleções do famoso estoico Caio Musônio Rufo. De sua obra, se conservam o Encheiridion de Epicteto e as Diatribes, ambos editados por seu discípulo Lúcio Flávio Arriano. Ver mais em <https://www.estoico.com.br/tag/epicteto/>

24 Orwell usou os termos: *appeasers* e *anti-appeasers*

25 MI-5, Inteligência Militar: serviço de segurança cuja tarefa é observar e neutralizar redes de espionagem estrangeiras que operam em solo inglês. Popularizado pelos filmes de James Bond.

26 A Real Legião Britânica (RBL), às vezes chamada de The British Legion ou A Legião Britânica, é uma instituição de caridade britânica que fornece apoio financeiro, social e emocional aos membros e veteranos das Forças Armadas Britânicas, suas famílias e dependentes.

27 Frente Popular foi o nome de diversas forças ou coligações eleitorais de partidos de esquerda. Seus componentes principais eram partidos de esquerda (socialistas e comunistas) junto a partidos burgueses liberais e o de centro-esquerda (radicais republicanos).

28 Comunidade das Nações (em inglês: Commonwealth of Nations, ou simplesmente the Commonwealth), originalmente criada como Comunidade Britânica de Nações, é uma organização intergovernamental composta por 53 países membros independentes que faziam parte do império Britânico.

29 Orwell usa o termo *War resisters*.

30 Orwell usa a expressão “*spit and polish*”, ou seja, “cuspir na bota e dar-lhe polimento”.

31 Reservistas voluntários do Exército inglês.

32 IRA, Exército Republicano Irlandês, um conjunto de diversos grupos paramilitares irlandeses que, nos séculos XX e XXI, lutou contra a influência Britânica na ilha da Irlanda. Recorria a métodos de guerra assimétrica, sendo frequentemente acusado de terrorismo, notório principalmente por ataques à bomba e emboscadas com armas de fogo, e tinha como alvos tradicionais protestantes, políticos unionistas e representantes do governo britânico.

33 Orwell usa o termo *bully*.

34 Orwell usa o termo *Living room*.

35 Orwell escreve “*Hitler in his early Brownshirt days*.”. **Camisas-pardas** ou ***Sturmabteilung*** abreviado para SA (do alemão, “Destacamento Tempestade”), foi a milícia paramilitar durante o período em que o Nazismo exercia o poder na

Alemanha. Seu líder era Ernst Röhm, capitão do exército e notório por seu senso de organização e sua capacidade de comando. Os membros das Sturmabteilungen também eram conhecidos como camisas-pardas, pela cor de seu uniforme (a cor parda provinha de fardamentos destinados a tropas alemãs que serviram na Tanzânia durante a Primeira Guerra Mundial, e que nunca chegaram a ser entregues; após a guerra, foram adquiridas a preços módicos pelos nazistas, para vestir suas milícias). A Sturmabteilung foi, em certo momento, uma das instituições mais ativas da vida pública da Alemanha e um dos esteios do poder político de Adolf Hitler.

[36](#) The Iron Heel, [O Tachão de Ferro](#)

[37](#) *O adormecido desperta* [The Sleeper Wakes](#)

[38](#) *Admirável Mundo Novo*, *Brave New World*

[39](#) *O Segredo da Liga*, [The Secret of the League](#)

[40](#) Orwell usa o termo '*going to the dogs*'.